

- **quanto ao comportamento *aprendido* x *herdado*:** Skinner nunca se dedicou a traçar esses limites; achava que esta natureza de informação poderia ajudar muito pouco à AEC, sobretudo porque o comportamento herdado é muito pouco suscetível a modificações; nesta medida essa natureza de informação poderia ser útil para indicar os limites da AEC;
- **quanto às *teorias de aprendizagem*:** para Skinner, todas as teorias de aprendizagem propostas até então eram descrições que incorporavam constructos hipotéticos, incluindo descrições em outros níveis que não o comportamental; em contrapartida, as descrições que se referem exclusivamente ao comportamento, tal como ele o definia, não careceriam dos problemas de se trabalhar com aqueles constructos, sendo por isso preferíveis àquelas teorias;
- **quanto ao *determinismo*:** a análise de Skinner, tal como a de Watson, baseia-se na consideração de que o comportamento ocorre como resultado de relações causa-efeito; para ele a Ciência não poderia se desenvolver sobre outras bases; na medida em que a AEC fosse progredindo, e as causas do comportamento fossem então melhor compreendidas, o controle comportamental tornar-se-ia mais provável, na direção do pressuposto de que a Ciência, como saber racional, levaria ao progresso da humanidade (veja-se, por exemplo, suas propostas em *Walden II* e *O Mito da Liberdade*).

visando determinados efeitos sobre o comportamento, que é dela dependente.

Buxton, C. E. (1985) Points of View in the Modern History of Psychology. New York: Academic Press, 187-190, sobre o behaviorismo de Skinner:

- **quanto à *consciência*:** um ato ou pensamento inconsciente quer dizer simplesmente que o comportamento relevante tem baixa probabilidade e por isso não é relevante para uma análise funcional científica; para Skinner a Ciência pode lidar apenas com observáveis, mas isto não quer dizer que ele negue a existência de pensamentos; eles, os pensamentos são eventos privados sujeitos às mesmas leis que regem os eventos públicos, mas mais difíceis de observar; advogava o desenvolvimento de técnicas e equipamentos para torná-los mais acessíveis, uma posição semelhante à de Watson;
- **quanto à *continuidade das espécies*:** mais do q. qualquer outro psicólogo moderno, acreditava firmemente na evolução darwiniana: "Pombos, ratos, macacos, quem é quem? Não faz diferença. É claro, estas três espécies têm repertórios comportamentais tão diferentes quanto suas anatomias. Mas se v. pensar em diferenças em termos de contato com o ambiente, e em termos de ação sobre o ambiente, o que permanece de seus comportamentos mostra propriedades surpreendentemente semelhantes" (Skinner, 1956, 230-231); as semelhanças a que se refere Skinner são do desempenho de diferentes espécies em esquemas de razão e intervalo; o mesmo raciocínio vale para os seres humanos, e o estudo de outros animais é proposto por serem espécies mais simples, que podem ser estudadas sob condições mais controladas; isso se justifica para Skinner não porque os comportamentos das diferentes espécies sejam os mesmos, no sentido de identidade, mas porque estão sujeitos às mesmas leis, no sentido de equivalência entre eles.

Esclarecemos, até aqui, o conceito de comportamento molar; vimos que ele ocorre num meio comportamental e que tomamos conhecimento disso de duas maneiras, uma reveladora do comportamento molar aparente, o de outros, e a outra reveladora do comportamento molar fenomenal, o de nós mesmos. Ambos os tipos de conhecimento devem ser usados para um entendimento ou explicação do comportamento molar real. Além disso, ganhamos certa compreensão íntima do aspecto dinâmico do comportamento molar real. Desta forma, lançamos os alicerces de uma psicologia como ciência do comportamento molar. Temos de desenvolver agora este ponto. Quais são os conceitos mais fundamentais do nosso sistema?

52

Skinner:

- a) ciência progride por acumulação e, se bem praticada, garante o bem estar humano; ciência como saber racional leva ao progresso da humanidade, enquanto que os campos da arte, religião e filosofia levam ao “não saber alienante” (p. 18);
- b) objetivo: levar a compreensão da natureza humana até o mesmo grau de outras ciências que já avançaram: observação, controle e previsão do comportamento humano futuro;
- c) o que ainda não foi possível alcançar, não significa que não o será com aperfeiçoamento de procedimentos de investigação (crença no potencial explicativo ‘oniabrangente’ e inesgotável da Ciência);
- d) o comportamento é determinado por leis gerais, de onde sua regularidade e organização (p. 20); as condições sob as quais se dão devem ser descobertas, descobrindo-se as leis gerais que permitirão, por sua vez, antecipar e determinar ações futuras;
- e) a familiaridade das pessoas com os fenômenos comportamentais é um empecilho para o avanço da ciência do comportamento (p. 27);
- f) a interação entre observador e observado pode e deve ser evitada (p. 33);
- g) metodologia é a da análise causal funcional, em que o comportamento observável é a variável dependente que é função das condições a serem descobertas, as variáveis independentes;
- h) cultura é um arranjo de variáveis independentes que atuam sobre o comportamento e, como tal, pode e deve ser controlada e manipulada,

realização. O termo comportamento será reservado à perspectiva de sua ocorrência em um meio comportamental, em que está em jogo o *significado da ação*.

nós somos o centro do nosso meio, embora não "dele". O meio é sempre um meio de algo, de modo que o meu meio comportamental é o meio de mim e do meu comportamento nesse meio. Somente se incluirmos esse conhecimento no meio comportamental teremos adquirido um equivalente completo daquilo a que Köhler chama experiência direta, ou do que é chamado de consciência. Esse conhecimento inclui, para enumerarmos alguns itens, meus desejos e intenções, meu êxito e desapontamentos, minhas alegrias e tristezas, amizades e inimizades, mas também eu fazer isto e não aquilo. Um exemplo deste último: meu amigo perguntou-me: — Quem é a senhora a quem você tirou o chapéu? — Eu respondi: — Não tirei o chapéu a senhora nenhuma; apenas o levantei porque me apertava um pouco na cabeça.

(...)

Comportamento Real, Fenomenal e Aparente. Podemos agora apresentar uma nova terminologia. Vimos que se deve distinguir, do comportamento real, duas classes de comportamento: o meu comportamento no meio comportamental de outrem, do meu comportamento no meu meio comportamental; ou, com uma permuta de sujeitos, o comportamento de outrem em meu meio comportamental, e do seu comportamento em seu meio comportamental. Ao primeiro membro de cada par chamaremos comportamento *aparente*; ao segundo, comportamento *fenomenal* ou *concreto*. O comportamento aparente pode, como mostra o nosso exemplo do chapéu, ser enganador em relação ao comportamento real, mas também poderia ter

sido um guia idôneo, por exemplo, se eu tivesse realmente cumprimentado uma senhora. O comportamento fenomenal, por outro lado, é um indicador fidedigno. Sem dúvida, o comportamento fenomenal é uma pista muito valiosa para o nosso conhecimento da conduta real. Enquanto que a relação do comportamento aparente com o real é da mesma espécie que a do meio comportamental com o geográfico, a relação entre comportamento fenomenal e real é de natureza diferente. Em certa medida, o comportamento real revela-se no comportamento fenomenal. Mas só em certa medida. Pois o comportamento fenomenal nunca revela mais do que uma fração do comportamento real e essa fração pode nem sempre ser a mais importante. Ocupar-nos-emos mais adiante deste ponto. Por agora, inferimos a conclusão de que seria tão errado rejeitar o comportamento fenomenal para o nosso conhecimento do comportamento real quanto usá-lo de modo cego e exclusivo.

HFP - 2014 - Notas para aula de 23/05/14

Profa. Livia Mathias Simão

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE: Essas notas serviram como roteiro para a aula expositiva de 23 de maio de 2014, não tendo sentido completo sem a exposição feita em classe; ou seja, não substituem a aula dada.

Concepções sobre a Psicologia como Ciência, segundo autores clássicos abordados até momento:

Wundt: o que distingue as Ciências Humanas das Naturais é seu objeto de estudo; pela natureza de seu objeto, a Psicologia deve buscar leis que digam respeito aos processos internos do ser humano;

James: “A Psicologia é a Ciência da *Vida Mental*, tanto em seus *fenômenos*, quanto em suas *condições*”; fenômenos compreendem sentimentos, desejos, cognições, raciocínio, decisões, etc., em tal variedade e complexidade que deixariam uma impressão de caos em quem os observasse; a maneira de lidar com tal diversidade, de modo a organizá-la momentaneamente em um todo, é a subjetivação dos objetos; a autoconsciência dessa possibilidade de subjetivação, envolve um processo auto reflexivo do pesquisador, que abandona o ponto de vista objetivista de um terceiro observador externo, e assenta-se na subjetividade como tal, no pensar em si mesmo como quem pensa, e no sujeito como quem pensa em si mesmo. Conforme apontou o filósofo Henri Bergson, em seu prefácio à edição francesa de *Principles of Psychology*, a ideia original e inspiradora das proposições de James é a de que “as verdades que são mais importantes para conhecermos são as verdades que sentimos e vivemos mesmo antes de pensá-las”.

Koffka: A Psicologia como ciência deve tomar o comportamento molar, que ocorre em um meio comportamental como pedra angular e ponto de partida, para daí encontrar um lugar para a consciência e a mente. O comportamento visto, desde a perspectiva de sua ocorrência em um meio geográfico, será chamado de